

“QUERÊNCIA DA MORTE”: O COTIDIANO DE ASSENTADOS E PRÉ-ASSENTADOS EM QUERÊNCIA DO NORTE, PARANÁⁱ

Fábio da Silva Rodrigues ¹, Eline G. de Oliveira Zioli ², Evandro Luiz Gaffuri ³, Elisa Yoshie Ichikawa ⁴

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar as estratégias, táticas e conveniências presentes no cotidiano dos assentados e pré-assentados no município de Querência do Norte-PR. Partimos das contribuições teóricas sobre cotidiano como um local de invenções e resistências para De Certeau (2014) e De Certeau, Giard e Mayol (2013). Outro conceito que utilizamos é o de conveniência, que De Certeau, Giard e Mayol (2013) apontam como uma forma de educação implícita, um ordenamento dos comportamentos sociais, regras para convivência dos sujeitos no meio social. Nesse sentido, realizamos 9 entrevistas de história oral temática com moradores de assentamentos, pré-assentamento, moradores e ex-moradores de Querência do Norte-PR. Por meio dos relatos dos entrevistados pudemos identificar que, para manterem seu lugar de querer e poder, os “donos” das terras em Querência do Norte utilizavam da força para retirar os trabalhadores rurais (posseiros), isso antes mesmo da chegada do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Assim, esta região se constitui como um espaço de lutas, em que a morte decorrente dos conflitos pela terra era algo frequente. Os que morriam, eram os trabalhadores não detentores dos contatos políticos e capital financeiro. Essa realidade permanece durante os primeiros anos da chegada do MST, e por meio de astúcias esses trabalhadores vão construindo seu cotidiano e apesar da posse da terra, a luta diária para poder plantar e vender o produto do seu trabalho continua.

Palavras-chave: Cotidiano; Conveniência; Estratégias; Táticas; Querência do Norte-PR.

“QUERÊNCIA OF DEATH”: THE EVERYDAY OF SETTLED AND PRE-SETTLED IN QUERÊNCIA DO NORTE-PR

Abstract: This study aims to analyze the strategies, tactics and conveniences present in the everyday life of the settlers and pre-settlers in the city of Querência do Norte-PR. We start from the theoretical contributions on everyday life as a place of inventions and resistances for De Certeau (2014) and De

¹Doutor em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Adjunto na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: f.rodrigues@ufms.br.

²Doutora em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora Adjunta no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Boituva, SP. E-mail: elinegomes@gmail.com.

³Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: elgaffuri@gmail.com.

⁴Doutora em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Associada na Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: eyichikawa@uem.br.

Certeau, Giard and Mayol (2013). Another concept frequently used is convenience, pointed by De Certeau, Giard and Mayol (2013) as a form of implicit education, an ordering of social behaviors, rules for coexistence of the subjects in the social environment. In this sense, we conducted oral history interviews with residents of settlements, pre-settlement, residents and former residents of Querência do Norte-PR. Through the interviewees' reports we were able to identify that, in order to maintain their place of will and power, the "owners" of the lands in Querência do Norte used force to remove the rural workers (known as "posseiros"), this even before the arrival of the Landless Rural Workers Movement (MST). Thus, this region constitutes as a space of fights, where death from land conflicts was a frequent occurrence. The ones who died were the workers who did not have political contacts and financial capital. This reality remains during the first years of the MST's arrival, and through cunning these workers build their daily lives and despite the ownership of the land, the daily struggle to be able to plant and sell the product of their work continues.

Keywords: Everyday life; Convenience; Strategies. Tactics; Querência do Norte-PR.

1. Introdução

A experiência da reforma agrária no Brasil é uma das mais diversificadas do mundo, sendo que a ação dos movimentos sociais em conjunto com o Estado tem permitido a ação de políticas que vão além da desapropriação da terra, utilizando-se de mecanismos como compra, doação, reconhecimento e regularização fundiária para viabilizar os assentamentos (COCA, 2015). É nesse sentido que Hollender (2016) destaca os movimentos sociais como importantes atores que influenciam os discursos, procedimentos e comportamentos do Estado. Meszaros (2000) destaca que no Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tem desafiado não apenas a questão de distribuição de terra, mas também a lógica de desenvolvimento capitalista, ao construir sua luta por uma sociedade sem exploradores, em busca de justiça social e igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais, disseminando valores humanistas e socialistas nas relações sociais. Formalmente organizado em 1984 (STRAUBHAAR, 2015), o MST é o principal movimento social da América Latina (CARTER, 2009), totalizando 972.289 famílias assentadas no Brasil, destas 785 estão no município de Querência do Norte-PR, totalizando 10 assentamentos e um pré-assentamento (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária [INCRA], 2018). Contudo, a luta pelo direito ao trabalho e a terra não ocorreu – e não ocorre – sem conflitos.

Como argumenta Ribeiro (1987), os anos 1970 e 1980 são marcados pela luta do homem rural brasileiro, sindicalizado e organizado, por liberdade e autonomia, que se expõe a violência e a morte. Dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT) revelam que entre 1988 e 2000 foram 1517 trabalhadores rurais assassinados no Brasil; o Paraná foi o estado que mais se destacou em arbitrariedade e violência contra trabalhadores rurais sem terra. Para se ter uma

ideia, desde o início de 1995 - gestão Jaime Lerner - a CPT registrou 16 assassinatos de trabalhadores rurais, sem contar as ameaças de morte, tentativas de assassinato, torturados, feridos, presos e despejados (BORGES, 2011; DHNET, s.d.; MEHL, 2011).

Em Querência do Norte, região de áreas extensas para o plantio e dominado por latifundiários, os relatos de violência e morte não foram diferentes, já que essa região sempre conviveu com o conflito e lutas pela terra (SANTOS; BETIM; MASSOQUIM, 2005). Essa realidade de violência e morte pode ser evidenciada a partir dos relatos jornalísticos de época, que relatam mortes de participantes do MST em Querência do Norte. Um fato marcante ocorrido no dia 21 de novembro de 2000, foi o assassinato do assentado Sebastião da Maia⁵, pai de 2 filhos, de 4 e 11 anos à época, morto com um tiro na cabeça, conforme noticiado no Jornal Folha de Londrina em 2000 (ZANATTA, 2000).

Os conflitos pela terra em Querência do Norte são anteriores à chegada do MST, protagonizados por posseiros e fazendeiros, que, detendo poder econômico, promoviam a violência de jagunços, construindo a "Querência da Morte" enquanto mito e realidade da forma que a cidade ficou conhecida (GONÇALVES, 2004). Porém, a realidade de violência no campo vivenciada no último quartil do século XX, sob outras formas, ainda continua a ocorrer. Conforme dados do documento caderno de conflitos no campo em 2019, organizado pela CPT, os despejos no campo atingem maior patamar desde 2016, um aumento de 16%, sendo que o Paraná apresenta o maior número de conflitos entre os estados (BASSI, 2020; CANUTO; LUZ; SANTOS, 2020). Em dezembro de 2019, 50 famílias foram despejadas sob clima de violência e tensão; a matéria relata que em 5 meses foram 8 despejos e mais de 450 famílias despejadas. As imagens contidas na figura 1 retratam uma situação de despejo violento ocorrida na cidade em 2019.



Figura 1: Polícia Militar realiza despejo violento de 50 famílias em Querência do Norte (PR)
Fonte: www.mst.org.br (2019).

Localizado no extremo noroeste do estado do Paraná, o município de Querência do Norte representava incertezas e dificuldades para o pequeno produtor rural (parceiros, arrendatários e ocupantes) no início dos anos de 1980,

⁵ Também oralmente referenciado como Sebastião da Mata ou Tiãozinho.



que eram expulsos de suas terras (GONÇALVES, 2004). Querência do Norte sempre foi vista como um espaço de lutas por terra, trabalho e muitas vezes, pela sobrevivência dos trabalhadores rurais, onde os fazendeiros possuíam poder econômico e relações políticas que lhes garantiam a posse das propriedades rurais. Por outro lado, os trabalhadores rurais também possuíam um papel ativo neste contexto, buscando formas de melhorar suas condições de vida e de conseguir um pedaço de terra para trabalhar. Esses conflitos marcam a construção de sua história a partir dos anos de 1950, e levam ao surgimento dos primeiros assentamentos já em 1980 e maciças ocupações a partir dos anos de 1988.

Desta forma, este artigo tem por objetivo compreender as estratégias, táticas e conveniências presentes no cotidiano dos assentados e pré-assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no município de Querência do Norte-PR. Esse tema se mostra relevante ao expressar o aspecto de luta e conflito entre as táticas e estratégias no cotidiano, além da organização dos grupos e justificação ética dos comportamentos por meio da conveniência (DE CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013).

Este trabalho está organizado em seis partes, iniciando pelas considerações iniciais, seguido pela apresentação do percurso metodológico e apresentação de dados relacionados a constituição do município de Querência do Norte e as lutas travadas nesse espaço pela posse de terra. Na quarta parte, são apresentados os conceitos relativos ao cotidiano para De Certeau (2014). Em seguida, apresenta-se a análise das entrevistas a partir dos conceitos teóricos norteadores desse estudo e por último, as considerações finais para esse trabalho.

2. Referencial teórico

2.1 Querência do Norte: o fim da linha ou o começo de uma nova jornada?

Situada no limite do noroeste do estado do Paraná, com uma área de 914,764 km², Querência do Norte se localiza entre os rios Ivaí e Paraná, sendo denominada por seus próprios habitantes como uma cidade no “fim da linha”, talvez justificado pela localização do município e a falta de conexão com ponte com o estado do Mato Grosso do Sul. A região não apresenta características nem culturais nem edafoclimáticas comuns às demais regiões do estado do Paraná, sendo conhecida como “Território Encontro das Águas” ou “Pantanal Paranaense” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE], 2018; PREFEITURA MUNICIPAL DE QUERÊNCIA DO NORTE, 2018). No que se refere à produção rural, a grande queixa dos assentados é que o escoamento da produção fica comprometido, já que não existem portos próximos, nem ao menos pontes, que façam a ligação com o estado do Mato Grosso do Sul. Existe uma balsa, que faz a travessia entre os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, mas que nem sempre funciona. Dali para frente, a estrada é de terra, característica que faz com que os produtos cheguem ao destino com um custo logístico mais elevado, se comparado a outras regiões com melhor posicionamento geográfico.

Querência do Norte é conhecida como a capital do arroz irrigado, destacando-se pela tecnologia empregada e oportunidades de negócio geradas a partir desta atividade econômica. Antes de tornar-se município, foi um povoado surgido em meados de 1950. A companhia colonizadora Brasil-Paraná loteamentos S.A. foi a responsável pelo processo de colonização da região, com a venda de lotes, recebendo brasileiros provenientes principalmente do Rio Grande do Sul. Por este motivo, recebeu o nome de "Querência do Norte", dado que o topônimo "querência" é originado de uma gíria gaúcha, que significa um lugar querido, onde se quer viver (PREFEITURA MUNICIPAL DE QUERÊNCIA DO NORTE, 2018; IBGE, 2018).

Antes de ser elevada à condição de município em 1954, Querência do Norte pertencia ao distrito de Paranavaí, que por sua vez era distrito de Mandaguari. Em 14 de novembro de 1951, pela lei estadual nº 790, Paranavaí é guindada à condição de município, desmembrando-se de Mandaguari. Desta data em diante, a área ainda coberta por densa mata virgem, atraiu ainda mais a procura por parte de colonos e agricultores. Em 05 de agosto de 1953, pela lei municipal nº 13, Querência do Norte é elevada à categoria de distrito administrativo de Paranavaí e no dia 26 de novembro de 1954, pela lei estadual nº 253, é elevada à condição de município (PREFEITURA MUNICIPAL DE QUERÊNCIA DO NORTE, 2018; IBGE, 2018).

As lutas pelas terras em Querência do Norte tiveram inicialmente como principal alvo o espaço demarcado pelas empresas colonizadoras como gleba 29. No início das demarcações de terra no município, muitos trabalhadores vieram de outras regiões do país, interessados em conseguir um pedaço de terra nessa região. Apesar da presença desses agricultores, houve por volta de 1958 a distribuição de concessões pelo governador do Paraná Moisés Lupion. Nesse período, Tuffy Felício Jorge, descendente de migrantes sírios e comerciante na cidade de Paranavaí, alega ter a concessão das terras da gleba 29, iniciando um período de conflito com os posseiros que ocupavam aquelas terras há anos. Utilizando o trabalho dos parceiros, Tuffy Felício Jorge inicia a construção da casa sede e pastagem em sua fazenda, garantindo aos parceiros o direito de uso por três anos, constando na renovação de tais contratos, parcerias para explorar áreas cobertas por mata (GONÇALVES, 2004).

A maneira com que Tuffy Felício Jorge utilizava a mão de obra dos parceiros, para sem custo algum ter sua fazenda pronta para o apascentamento de gado bovino, garantia os requisitos necessários junto ao Estado de produzir na terra, além de avançar os limites de exploração da gleba 29, seguindo em direção "à área ocupada pelos posseiros que "ilegalmente" viviam em "sua fazenda" (GONÇALVES, 2004, p. 125). A situação representada pelos posseiros que já estavam nessas terras se agrava com a chegada de mais trabalhadores e parceiros, que abrem uma posse no interior da gleba-29. É nesse sentido, que Gonçalves (2004) destaca as lutas pelas terras da gleba-29, como uma oposição de sujeitos com forças e ações diferenciadas. De um lado, a maioria numérica e desorganização dos posseiros, com a iniciativa de ocupar e cultivar a fim de questionar a posse da terra, e de outro lado o fazendeiro, com poder econômico, utilizando a violência dos jagunços, assassinando as lideranças, destruindo

roças. “[...] alimentando o mito e a realidade pela qual ficou conhecido o município – ‘Querência da Morte’” (GONÇALVES, 2004, p. 126).

Gonçalves (2004) destaca que um possível desfecho para essas disputas é vislumbrado com a divisão da gleba 29 em duas fazendas: a Florão, que fica sob administração de Felício Jorge, e a fazenda 29 Pontal do Tigre, vendida para os megalatifundiários irmãos Atalla⁶. Com a garantia de assentamento definitivo em Altamira (Pará), Mato Grosso e Rondônia, é feita a retirada de alguns posseiros que ocupavam a área da fazenda 29 Pontal do Tigre. Já os posseiros não atendidos aumentaram as ocupações nas ilhas do rio Paraná, enquanto outros tornaram-se “boias-frias” (GONÇALVES, 2004).

Em 1983 surgem os primeiros assentamentos em Querência do Norte, com o objetivo de adquirir recursos do FUNDEC (Fundo de Desenvolvimento Comunitário), que buscava promover programas cooperativos ou comunitários de infraestruturas rurais. Assim, priorizando os interesses das autoridades municipais, proprietários rurais e instituições, é criado em 1982 um projeto de desenvolvimento para Querência do Norte, que incluía a criação de assentamentos voltados para as famílias de “boias-frias”, que funcionavam na forma de arrendamento (GONÇALVES, 2004).

Os projetos de irrigação de arroz, incluídos no projeto de desenvolvimento, foram pensados para atender produtores rurais com grandes áreas (mais de 36 hectares), que seriam os arrendatários no projeto e que possuem máquinas e empregados assalariados (ROSA, 1990), mesmo sendo o objetivo da FUNDEC atender aos pequenos produtores, sobretudo os mais carentes. Desse modo, os fazendeiros proprietários do grupo Atalla, que disponibilizaram parte da fazenda 29 Pontal do Tigre para os assentamentos dos “boias-frias”, foram os grandes beneficiados pelo programa, pois as áreas cedidas eram inadequadas para o cultivo imediato (com mata e tocos) e após o projeto teriam a infraestrutura adequada para cultivo do arroz irrigado, sem haver investimento por parte dos fazendeiros - que poderiam e no caso optaram - por não renovar os contratos de arrendamento com os boias-frias (SANTOS, 2012).

Nesse período, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) fazia avaliação e posterior apontamento de propriedades como área prioritária para desapropriação e reforma agrária. Em 1985, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Querência do Norte envia ao Secretário da Agricultura do Paraná ofícios tratando dos problemas fundiários de parte das propriedades do município. Em 1988, o INCRA confirma o apontamento da fazenda 29 Pontal do Tigre como área prioritária para a desapropriação e reforma agrária, levando cerca de 200 famílias a ocupar a fazenda 29 Pontal do Tigre, iniciando, dessa forma, a história do MST em Querência do Norte (GONÇALVES, 2004). O que pode se perceber é que essa história de luta, mesmo carregada de violência e morte dos trabalhadores sem-terra, também está cheia de invenções, trampolinagens e astúcias do sujeito, que não pode ser compreendido como

⁶ Integrantes do grupo Atalla, com cerca de 150 fazendas no interior do Brasil, atuantes na produção de gado de corte, nelore mocho, café, cana-de-açúcar e agroindustrialização de açúcar e álcool.



passivo diante das condições impostas, mas que, para De Certeau (2014), opera uma invenção do cotidiano.

2.2 Cotidiano e conveniência: uma discussão teórica

Assim, num primeiro momento, podemos pensar o cotidiano como algo rotineiro na vida das pessoas. Mas ao observar o homem comum, ordinário, suas práticas e formas de viver, De Certeau (2014) revela a ausência de passividade desse sujeito comum, o que o autor chama de a invenção do cotidiano. Para o autor, não existe passividade nas práticas cotidianas do sujeito. Por esse motivo, é importante observar tais ações que muitas vezes são caracterizadas como repetitivas e corriqueiras, pois estão carregadas de significados que nos permitem compreender a construção desse cotidiano pelo sujeito.

Para De Certeau (2014, p. 55), o homem comum ou o herói anônimo, não é personagem recente, mas como um "murmúrio das sociedades", antes mesmo dos textos, o herói anônimo já estava presente, ganhando mais e mais espaço, progredindo nas representações escritas. Desse modo, De Certeau (2014) coloca o foco de seus estudos nesses sujeitos, que são muito mais do que as partes que compõem o todo, observando assim o indivíduo ou as realizações independentes de múltiplos indivíduos (BEST; HINDMARSCH, 2018). Para Kuus (2018) os trabalhos de Michel de Certeau revelam uma abordagem do caráter contingente e situacional da prática social, em que a indeterminação é sua principal característica, que a coloca como uma realidade experiencial e não apenas um problema aguardando que o pesquisador o resolva.

Nesse sentido, pesquisar o cotidiano é observar os pontos que normalmente são desconsiderados, mas que representam a riqueza do sujeito comum, ou como aponta Butcher (2018), olhar o cotidiano não apenas como mundano, familiar, rotineiro, repetitivo e rítmico, mas também criativo, adaptativo e desafiador. O caráter inventivo do cotidiano para De Certeau (2014) pode ser compreendido por meio dos conceitos de estratégia e tática. Nesta perspectiva, enquanto a estratégia se revela a partir das relações de força, quando um sujeito de querer e poder se isola e ocupa um espaço – o próprio – representando uma vitória do lugar sobre o tempo, a tática se refere à ausência do próprio, pois o lugar em que opera é o lugar do outro, por meio de práticas astuciosas, microbianas, aproveitando-se das brechas, ganhando habilmente vantagens no campo do outro, a partir de ações oportunas e convenientes, jogando com as oportunidades e aproveitando-se das possibilidades. Tais conceitos, para Mitchell (2007), nos levam a um entendimento da relação entre o sistema e a ação humana. Duarte e Brewer (2019) apontam que na produção certauniana de cotidiano, os fracos consomem o contexto dominante e por meio das táticas e estratégias utilizam esse contexto contra os mais fortes.

Ao olhar para as estratégias e táticas compondo o cotidiano, De Certeau (2014) chama a atenção para a ação desse homem ordinário normalmente entregue à passividade por outras representações teóricas (DOSSE, 2018). Quando se refere à estratégia, De Certeau (2014) postula a necessidade da existência do próprio, ou seja, um espaço de querer e poder que permite ao sujeito agir de forma estratégica, ou ditar as regras do jogo para os demais

sujeitos. O próprio para o autor é “uma vitória do lugar sobre o tempo”, que permite ao sujeito “capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias” (DE CERTEAU, 2014, p. 94). Com a construção de espaço autônomo pela existência do próprio, é possível acumular as vantagens conquistadas. Nesse sentido, a estratégia se mostra por meio de práticas e discursos hegemônicos, empregados pelos sujeitos que buscam controlar e dominar tanto o espaço quanto as relações sociais (GARMANY, 2017).

A existência do próprio, permite ao sujeito uma ampla, permitindo um controle sobre o espaço e os sujeitos que ali estão, garantindo desse modo a criação de normas para regular esse espaço. A estratégia promovida por esses sujeitos são manipulações, como aponta De Certeau (2014), o cálculo das relações de força que age por meio da existência do próprio. Kuntz e Guyotte (2018) destacam que a diferença entre estratégias e táticas está no espaço e tempo. Enquanto a estratégia possui um espaço próprio para agir e pode acumular as vantagens conquistadas, a tática é um cálculo, não podendo contar com um espaço próprio, o seu lugar é o lugar do outro, no qual ela se insinua e age fragmentariamente (DE CERTEAU, 2014).

Desse modo, De Certeau (2014), ao apresentar a tática como a arte do fraco, ressalta a ausência de um lugar de querer e poder. Essa ausência coloca esse homem ordinário em uma procura por espaços para agir, buscando vitórias que não podem ser acumuladas, tirando partido das forças que lhe são estranhas, combinando elementos que são heterogêneos, como forma de tomar uma decisão e aproveitar a situação. As táticas são ações que buscam aproveitar as oportunidades oferecidas (DUARTE; BREWER, 2019), uma forma de subverter a hegemonia, de se fazer resistência (REDSHAW, 2017) e assim criam uma forma de poder de contra-ataque temporário (MUNRO, 2017). Garmany (2017) apresenta as táticas como um artifício enganoso adotado pelos sujeitos subjugados, que agem aceitando as oportunidades ocasionais do momento, operando uma resistência disfarçada ao poder.

De Certeau (2014) apresenta práticas cotidianas como falar, ler, fazer compras, preparar refeições, como táticas, sendo essas os pequenos sucessos do sujeito, suas maneiras de fazer cotidianas. As táticas, por ser o oposto das estratégias, não são a vitória do lugar sobre o tempo; por esse motivo, o sujeito não opera táticas a todo o momento. É necessário aguardar o momento oportuno, a circunstância mais favorável, o momento preciso de intervir e transformar a situação em favorável. Nesse sentido, para De Certeau (2014, p. 96) “as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder”.

Outro conceito utilizado para desenvolvimento deste trabalho é o da conveniência, apresentada por De Certeau, Giard e Mayol (2013), que se refere a uma ética de regulação do espaço público. No estudo do bairro de *Croix-Rousse* em Lyon, os autores apresentam o conceito como uma forma de compreender as práticas dos sujeitos em uma organização coletiva. Mesmo apresentando um caráter aleatório nos encontros entre os sujeitos no bairro, existe também uma certeza de que alguns encontros entre eles podem ocorrer. Os autores colocam que “passando pelo bairro é impossível não encontrar algum ‘conhecido’ (vizinho

ou comerciante), mas nada permite dizer de antemão quem e onde” (DE CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p. 46). Esse aspecto aleatório dos encontros no bairro, espaço da coletividade, é que torna possível a existência da conveniência, como forma de ordenar o modo de agir dos sujeitos.

Para compreender o conceito de conveniência, é importante tratar do conceito de coletividade. Para De Certeau, Giard e Mayol (2013), o bairro representa uma coletividade, no sentido de promover de forma imprevisível o encontro de pessoas, que não são absolutamente anônimas. A configuração pública dos lugares impõe uma proximidade, que não pode ser evitada pelos sujeitos. “A coletividade é um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro” (DE CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p. 47). A obrigatoriedade de o indivíduo levar em conta o meio social para se inserir e viver no bairro, é apresentada pelos autores como algo que o obriga ou cria obrigações, de seguir uma convenção coletiva tácita que organiza as práticas do bairro.

A prática do bairro é apresentada por De Certeau, Giard e Mayol (2013) como um sistema de valores e comportamentos, que força os sujeitos a cumprirem seus papéis, em busca de um conjunto de benefícios disponíveis aos que pertencem ao bairro. Por tratar dos comportamentos, os autores reforçam o papel do corpo na representação das conveniências que compõem o espaço coletivo, sendo “o suporte de todas as mensagens gestuais que articulam essa conformidade”, como um “quadro-negro” em que se inscrevem e se tornam legíveis o cumprimento ou descumprimento aos códigos desse sistema dos comportamentos (DE CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p. 48).

A conveniência é a representação desse conjunto de regras conhecido por todos, que orienta as formas de agir no espaço público, esse sistema dos comportamentos apresentado por De Certeau, Giard e Mayol (2013). Compreende a maneira que o sujeito se apresenta no espaço coletivo, bem como os benefícios que se espera alcançar com o cumprimento dessas normas. Na forma de repressões minúsculas, a conveniência atua no lugar da lei, reprimindo o que não convém e os mantendo distantes. Ela atua gerenciando o simbólico da face pública, de todos nós desde o momento em que nos achamos na rua, sendo simultaneamente “o modo pelo qual se é percebido e o meio obrigatório de se permanecer submisso a ela” (DE CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p. 49). Como o rito do bairro, a conveniência permite que cada sujeito se encontre submetido a uma vida coletiva.

Nesta perspectiva, a lógica da conveniência aplicada ao bairro pode se assemelhar às relações dos trabalhadores rurais sem-terra, acampados, assentados e pré-assentados entre a convivência nos locais onde trabalham e vivem, bem como na comunidade de Querência do Norte, por meio das relações, tanto sociais quanto de troca, que acabam por fazer.

Feita essa discussão, na sequência, a fim de compreender as estratégias, táticas e conveniências no cotidiano dos assentados e pré-assentados de Querência do Norte, desenvolvemos reflexões sobre o cotidiano dos assentados, a partir da perspectiva da estratégia, das táticas e da conveniência.

3. Metodologia

Essa pesquisa foi desenvolvida entre julho de 2016 e julho de 2017, quando os pesquisadores realizaram a coleta dos dados junto aos moradores de Querência do Norte, dos seus assentamentos e pré-assentamento. Até o momento da coleta dos dados, o conhecimento que os pesquisadores possuíam quanto à cidade era relativo ao que “se ouvia” falar. Moradores de outras cidades da região noroeste do Paraná, próximos de Querência do Norte, tratavam a cidade como cidade dos “sem-terra”, fazendo alusão à quantidade de assentamentos, quando comparados a outras cidades da região. Dados apresentados por Gonçalves (2004) destacam o aumento da população rural do município, que de 1960 para 1970 apresentou um aumento de 95,1% (de 6.094 para 11.890 habitantes do campo). Neste sentido, Godoy e Silva (2008) sustentam que após a chegada dos sem-terra, na década de 1980, ocorreu um aumento da atividade econômica no Município de Querência do Norte, já que o dinheiro que antes não circulava na cidade – pois os latifundiários migravam seus lucros para suas cidades de origem – passou a circular, graças a esse movimento migratório.

Desenvolvemos esse estudo de natureza qualitativa, a partir de dados coletados por meio de entrevistas de história oral temática, sendo, como aponta Meihy (2005), a narrativa de uma versão do fato, buscando a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que possua uma versão discutível ou contestatória desse acontecimento. Foram realizadas no período do estudo nove entrevistas, que, após transcritas, foram analisadas a partir da abordagem teórica utilizada para desenvolvimento desse estudo. Os entrevistados tiveram suas identidades preservadas, assumindo codinomes, sendo os mesmos devidamente caracterizados oportunamente.

No próximo tópico, caracteriza-se o município de Querência do Norte, abordando a trajetória de luta de trabalhadores rurais pelo direito ao trabalho, a terra e a possibilidade de um recomeço.

4. Resultados e discussões: sobre estratégias, táticas e conveniências em “Querência da morte”

Iniciaremos a análise com uma breve caracterização dos entrevistados, apontando o contexto em que vivem e a relação que possuem com o MST. Com a finalidade de manter o anonimato dos nossos entrevistados utilizamos um pseudônimo como forma de identificação.

Marta integrou-se ao MST aos 11 anos quando o pai participa do primeiro acampamento, em São Miguel do Iguçu, Paraná. Seu pai e irmão são assentados no assentamento Pontal do Tigre. Sua família, que passou por outros acampamentos antes, integrou o grupo do MST quando por dificuldades financeiras o pai perdeu o sítio que tinha para o banco.

Lourdes mora no assentamento com o marido, filhos e neto. Ela entrou para o MST aos 17 anos. O pai era empregado em uma fazenda, quando convidaram para fazer parte do movimento. A opção do pai por fazer parte do movimento levou em conta que trabalhando como funcionário nunca conseguiria

um pedaço de terra. Foi no assentamento que ela conheceu o marido, se casou, tornou-se mãe e posteriormente avó.

Aparecida mora há 11 anos em um pré-assentamento. Sua família sempre trabalhou no campo, o pai e o irmão já são assentados e foi por meio deles que ela soube da ocupação e foi para a Água do Bugre. Lá casou e teve duas filhas. Hoje, aguarda do INCRA a oficialização do assentamento.

Célia também mora em um pré-assentamento. Ela conheceu o MST quando tinha 15 anos. Seu irmão foi o primeiro a integrar-se ao movimento, em seguida o pai, quando vieram para Querência durante a ocupação do Pontal do Tigre. Faz 11 anos que estão no pré-assentamento aguardando sua oficialização. Tanto Aparecida quanto Célia convivem com a insegurança, pois o pré-assentamento que vivem passou no ano de 2017 por pedidos de reintegração de posse.

Ana é zootecnista na Cooperativa dos assentamentos. Ao concluir a graduação, recebeu proposta para trabalhar na cooperativa, e, apesar de nunca ter trabalhado diretamente com o MST, aceitou e aprende na vida cotidiana que o movimento não era aquilo que a mídia caracterizava.

João é um líder do assentamento. Com 53 anos de idade, possui importante história nas lutas do MST. Foi preso e perseguido por ser um dos líderes do movimento. Comenta que numa das principais histórias de luta, marcharam de Querência do Norte à Curitiba para protestar e reivindicar seus direitos. Está na luta por terra desde 1985, mas assentado desde 1995. Viveu 100 dias em Reserva, Paraná, sem água e passando fome. Depois disto, em junho de 1988 lidera a ocupação do Pontal do Tigre em Querência do Norte. O grupo que liderava era de 70 famílias, cerca de 250 pessoas.

Marcos é um jovem de 29 anos, filho de João. Mesmo com a opção de estudar, algo que sua irmã fez graças ao apoio dos pais, decidiu ficar no assentamento. Aventurou-se uma vez, morando um mês na cidade, mas não se adaptou. Tem boa formação política, é engajado na causa da luta pela terra e na manutenção das conquistas obtidas. Diz que pretende se casar – está noivo – e deve constituir moradia ali mesmo no lote que o pai trabalha. O fato de permanecer na terra é uma raridade entre os jovens de sua idade, que preferem estudar e viver na cidade, não tendo grande vínculo com a terra e com as lutas sociais que ainda travam.

Mário também se constitui num dos líderes históricos dos assentados. Dedicou-se à atividade leiteira. Tem 52 anos de idade, casado, sendo que seus filhos se mudaram para a cidade. Foi companheiro de luta de João, nas resistências e conflitos armados. Defende uma nova politização dos assentados, já que acredita que o espírito que os fez conquistar a terra está se perdendo com a nova geração. Alerta que sua luta é para que a posse definitiva da terra não ocorra, o que faria com que o movimento se dividisse.

Josué é um ex-morador de Querência do Norte. Vivendo hoje em outro estado, Mato Grosso do Sul, morou entre os anos 1970 e início dos anos 1990 na cidade, onde lutou pela terra e sofreu com a perseguição e conflito. Relata que as lutas começaram mesmo antes do MST, onde a terra era caracterizada pelo conflito armado. Marcado pelos traumas da violência desta luta do campo, com a intenção de preservar sua vida e de seus familiares, desiste da luta pela

terra após anos de acampamento e sem conseguir o seu pedaço de terra. Hoje vive na cidade, trabalhando como metalúrgico. Diz que não pretendia sair, mas foi obrigado pelas circunstâncias.

Esta pesquisa foi capaz de revelar que as práticas observadas na vida cotidiana dos sujeitos que vivem ou viveram em Querência do Norte demonstram que este espaço foi construído a partir das práticas dos sujeitos que ali se fixaram. E que práticas foram estas? De resistência, de luta, de inconformidade, de resiliência, de transgressão contra os mecanismos desiguais de distribuição das riquezas, em específico, da distribuição de terras. Mas também, por outro lado, é uma história de medo, de vítimas, de cerceamento à liberdade, de preconceitos, de perseguição, de abandono de sonhos, de fuga daquele pedaço de chão.

Ocupamos o Pontal do Tigre em Querência do Norte em junho de 1988. Viemos de Reserva, as mulheres e crianças no ônibus e os homens em cima do caminhão. Éramos 70 famílias, umas 250 pessoas. Hoje são 327 famílias no Assentamento Pontal do Tigre (JOÃO). Nós fizemos uma marcha pra Curitiba em 1997, ficamos 20 dias andando na estrada. Umas 150, 200 pessoas. Tinha pessoal nosso preso por perseguição política (MILTON).

No que se refere às lutas, a motivação que levou esses trabalhadores a buscar o direito à terra e ao trabalho pela terra, era a promessa de justiça na distribuição das terras, a partir do período anterior à Constituição Federal de 1988.

Tudo começa no movimento sem-terra oeste do Paraná (Master). Antes do MST, antes de 1985. De 1979 a 1982. Meu pai fez parte do início (MARTA). Estou na luta pela terra desde 1985, mas assentando, desde 1995. Participava dos encontros da Pastoral da Terra. Qual era meu sonho? Ter um pedaço de terra. Daí, em 1986 foi minha primeira ocupação, na antiga Fazenda Padroeira, em Matelândia. Terminou a ditadura, tinha toda aquela discussão sobre a constituição e havia uma promessa de fazer reforma agrária no Brasil (JOÃO). Cheguei em Querência em 1997. Quatro anos e meio “embaixo da lona” (MILTON).

A esperança que os movia era a promessa pela reforma agrária. Contudo, a outra face desta moeda era o medo. O nome que intitula este artigo, que revela a história sangrenta de luta pela terra, decorre do relato produzido por Josué, ao descrever a cidade como:

‘Querência da Morte’... esse era como a cidade de Querência do Norte era conhecida nos anos 1970” (JOSUÉ). Quando viemos para a Querência, ficamos assustados. Diziam: Oh, Querência é complicado, tem polícia na entrada, tem jagunço, tem vaca brava... mas, tinha um diferencial: água! (JOÃO). Mandaram a gente pra Fazenda Água da Prata. Desconfiei, era cilada! Bateram na gente, muita violência. Acabaram matando um companheiro lá! Deram um tido na cabeça dele que “saltou os miolos para fora” (MILTON).

Como argumenta De Certeau (2014), o espaço é o lugar praticado. Ou seja, é a partir das vivências e histórias de lutas destes sujeitos que se constrói a história da cidade de Querência do Norte, a partir do início dos assentamentos da região, do Assentamento Pontal do Tigre. O que se observa é que o contexto que domina o cotidiano dos trabalhadores rurais que lutavam por terra é uma mistura de crença na justiça pela terra e o medo da morte.

Se por um lado, aos sujeitos ordinários, os assentados e pré-assentados, cabem as práticas da tática e da conveniência, para os sujeitos de querer e poder, os fazendeiros, políticos e empresários, resta a definição das estratégias, quando não da própria estrutura social que está em jogo. Neste sentido, os sujeitos de querer e poder definem tanto o jogo a ser jogado quanto suas regras. No caso da luta pela terra, sob essa perspectiva, possuem tanto o apoio da força policial, além de estarem respaldados por escoltas particulares.

Em outras palavras, sobretudo no período dos anos 1970 até o final dos anos 1980, os conflitos nesta região eram resolvidos invariavelmente sob o “tempero da pólvora”. Esse domínio dos donos do poder exercido tanto sobre as forças policiais oficiais quanto pelas tropas armadas particulares reflete à época, sobretudo aos pré-assentados e acampados, um poder claro e manifesto de quem define as regras daquele espaço. O relato de Josué, que desistiu da luta pela terra graças ao conflito armado, revela tal fato:

Os “jagunços” dos fazendeiros matavam sem piedade. A disputa era por terra, sempre conflituosa. A gente ia pescar e quando “tarrafeava”, ao invés de peixe a gente pescava crânio de gente morta (JOSUÉ).

As disputas a partir da violência das armas e da morte, se por um lado representava uma tática aos líderes para avançarem com o movimento de ocupação de terras, que por um ato transgressor não se conformavam com o exercício de poder praticado pelos fazendeiros, por outro fez com que muitos desistissem da luta pela terra. O caso de Josué, que abandonou a luta pela terra e hoje trabalha como metalúrgico em outro estado exemplifica esse efeito causado pelo banho de sangue ocorrido em Querência da Morte, sobretudo nos anos 1970 e 1980. O seu relato, evidencia que nos rios, quando ia pescar, não era raro encontrarem ossos e crânios humanos, resultado da matança exercida contra aqueles que se opunham aos sujeitos de querer e poder. Esse cotidiano de medo, violência, insegurança e morte, o fez desistir, abandonando, além das lutas, suas histórias, vivências e relacionamentos.

Desse cotidiano de conflito, emergem várias histórias que revelam outras histórias que não as contadas oficialmente pelos instrumentos de comunicação, pela imprensa, pela mídia, pela história positivista. Por exemplo, quando falamos do exercício de poder manifestado pelos veículos de comunicação, que constituem identidades dos sujeitos, das organizações e movimentos, nos referimos diretamente à imagem construída pela mídia, ao longo das últimas três a quatro décadas, sobre MST. Carter (2009) destaca que intelectuais e boa parte da imprensa brasileira operam uma caricatura extrema e representações infundadas do MST. São sujeitos de querer e poder que, dominando de forma monopolística os veículos de comunicação, sobretudo os meios de comunicação

em massa, manipulam verdades e exercem seu poder. “A maioria de nós somos ordinários, porque a gente não aparece na mídia” (MARTA).

O relato de Ana, zootecnista recém-formada que chega ao acampamento para trabalhar no apoio técnico aos assentados, mostra essa imagem que a mídia formou em relação aos acampados. Foi somente trabalhando junto à Cooperativa, que ela desconstruiu a imagem que tinha formado sobre o movimento. “Antes de vir para o movimento, a imagem que eu fazia do MST era aquela construída pela mídia. Depois, da vivência cotidiana, percebi que aquela imagem não era real” (ANA).

Na vida cotidiana, Ana tanto desconstrói a imagem que havia recebido pela mídia do que seria o MST – que caracteriza o movimento como formado por um bando de invasores de terra violentos –, quanto enfrenta conflitos internos por não ter sido uma daquelas que sofreram as lutas armadas e ter morado nos acampamentos, como a maioria, que viveu nas margens das estradas, vivenciando toda sorte de fome, sede e perseguição:

Ué, mas você pegou carona no trem andando? Era isso que eu ouvia. Sofri preconceito por parte de alguns companheiros por não ter ido para debaixo da lona e ter conquistado a terra. Para alguns, eu não teria direito, porque não passei fome, sede, não enfrentei “bala”, jagunço, enfim, não enfrentei a luta. Mas com o trabalho acabei sendo aceita, pois tinha um tipo de conhecimento, de gestão, de assessorar nos projetos, que eles não tinham. Então, no fim, tudo acabou dando certo. Bom para todo mundo! (ANA).

Por meio de um processo paulatino, a partir do contrato da conveniência, Ana busca formas de conviver naquele grupo social, tornando-se preponderante na articulação, no planejamento, na construção de projetos e captação de recursos para o assentamento. E de que forma se dá esse contrato de conveniência? Para obter os benefícios da relação coletiva, Ana percebe que tal relacionamento se dá a partir de trocas que se estabelecem entre os sujeitos que compartilham da mesma convivência. Ou seja, tanto Ana negocia parte de suas crenças e abdica de convicções, construídas socialmente, sobretudo por meio das imagens que ela recebia da mídia, as quais constituíram uma imagem que ela fazia do MST, pois tinha interesse de trabalhar e permanecer naquele grupo, bem como os trabalhadores que já estavam assentados, que foram para “debaixo da lona” percebem que Ana pode contribuir com habilidades que eles não possuem, sobretudo aquelas relacionadas à gestão. Assim, sob o fito de obter vantagens coletivas - e conseqüentemente individuais - tanto Ana quanto os demais trabalhadores negociam, a partir deste contrato da conveniência, uma forma reinventada, bricolada, pensada a partir das demandas que surgiam neste cotidiano, de viver de forma mais harmoniosa. E os resultados desta parceria foram profícuos.

Das histórias que ouvimos, a maioria delas relata um cotidiano banhado pelo sangue, fato observado nas entrevistas dos assentados [João, Milton e Mário], que por serem líderes do movimento, foram perseguidos, invadidos em sua privacidade.

Os jagunços das fazendas ficaram “dando volta” de carro do lado de fora da casa, dando tiro para o alto invadiram minha casa. Minha esposa, filhos ficavam com medo. Nos ameaçavam de morte. (JOÃO). Os caras, os jagunços, como sabiam que a gente era liderança do movimento, ofereciam dinheiro pra gente sair fora, pra desistir da luta. (MÁRIO). Fui despejado umas 3 ou 4 vezes, durante o governo do Jaime Lerner (MILTON). Uma vez, na Água da Prata, teve um decreto de desapropriação. Chegava 4 a 5 policial, armado. Um despejo frio. Eu chamo o governo de covarde e bandido. Estávamos fazendo plano e fui despejado mais uma vez (MILTON).

Eram ameaçados pelos “jagunços das fazendas” em suas residências, bem como eram assediados, recebendo propostas de contrapartidas financeiras para desistirem da luta, pois os poderosos sabiam que sem estas “cabeças pensantes” o movimento de ocupação fatalmente sucumbiria. São manifestações típicas dos sujeitos de querer e poder, a fim de manter o exercício do poder, a partir do próprio.

Um dos principais casos relatados se refere à “Batalha da Água da Prata”, onde comentam sobre o caso de um senhor, Sebastião da Maia, que teve seus “miolos esfacelados” pelos tiros de escopeta. Porém, como aos sujeitos ordinários somente restam as táticas, até estas mortes que ocorriam em conflito, tanto com a polícia quanto com os jagunços das fazendas, serviam como combustível para avançar com o movimento. Muitos assentamentos se consolidavam após conflitos, sobretudo aqueles com vítimas fatais noticiados pela mídia. Tanto para os líderes [João, Milton e Mário] quanto para os demais entrevistados, que resistiram, o efeito do medo não se instalou. A orientação era transformar o falecido em uma espécie de mártir e resistir, sobretudo quando havia cobertura da televisão. Este ato transgressor se evidencia nos nomes dos assentamentos e acampamentos, geralmente homenagens àqueles que perderam suas vidas na luta pela terra. “Então, mataram o velhinho lá, o tal Sebastião. Daí, vira um mártir né. Os assentamentos recebem o nome deles” (MILTON).

O que se observa é que tanto a estrutura quanto a estratégia da distribuição de terras aos assentados e pré-assentados são articuladas por aqueles que definem tanto o que é uma terra produtiva, quanto o que é uma terra improdutiva, por exemplo. Nesse contexto, a experiência relatada pelos assentados [João e Mário], que sofreram as agruras da falta de água em Reserva-PR nos 100 dias que ali viveram, reflete que a preocupação dos sujeitos de querer e poder naquele momento era, sobretudo, livrar-se do problema que os acampados causavam, não se preocupando em destiná-los a terras com potencial de produção de alimentos, férteis, com acesso à água.

Em 1988 o estado oferece uma terra em Reserva. Fomos iludidos, achando que a área era boa para a reforma. Muito moro, sem água, sem perspectiva. Situação bem difícil. Daí, em junho de 1988 ocupamos o Pontal do Tigre (JOÃO). Nossa, muito pouca água, não tinha água, e ali a gente ficou 3 meses quase 4 meses nesse lugar, a água para nós vinha de Ponta Grossa nesses caminhões pipa né, então fizeram uns buracos, com as lonas, colocavam a água, e quando não chovia e o caminhão conseguia, ele trazia duas vezes na semana a água para nós (MARTA).

Os 100 dias vividos no assentamento em Reserva, é tema recorrente nas histórias contadas pelos agricultores assentados em Querência do Norte, como na narrativa da Marta sobre a falta de água no assentamento em Reserva-PR, onde a terra era imprópria para o plantio e as condições eram inadequadas para a sobrevivência. Essa história durou 100 dias. Passaram fome, sede, privações de toda espécie, até o ponto que conseguiram realocação para Querência do Norte-PR.

Da mesma forma, o fato de não se conformarem com a situação vivenciada em Reserva, passando esses 100 dias sem água, revelam a transgressão típica dos sujeitos ordinários. Por não dominarem o próprio, não o possuírem, não terem nem recursos financeiros, nem a informação, muito menos o domínio da mídia, nem materiais para arquitetarem um plano de ação, lutavam com as armas que possuíam. Não se conformaram com as terras que receberam em Reserva, incapazes de serem produtivas, ao menos com os recursos financeiros e tecnológicos que possuíam, e continuaram o movimento de busca por novas terras, daí chegando em Querência do Norte, que apesar de terreno arenoso, é abundante em águas. Mas, o descaso do governo fez persistir as dificuldades enfrentadas pelas famílias para garantir o básico para sobrevivência.

Eu vi gente desmaiando de fome, pessoas adultas que não tinham o que comer, não tinha, tinha muito peixinho aqui, lambari, traíra, essas coisas, tinha muito, e maxixe né, igual, tipo assim, mas a comida em si, um arroz, feijão e um óleo para você pôr na comida era muito escasso, então a dificuldade foi grande, muito grande (MARTA).

Quando chegaram a Querência do Norte, os produtores rurais vinculados ao MST sofreram toda espécie de preconceito e discriminação. Ainda hoje, mesmo que em menor grau, sofrem! As narrativas produzidas pelos entrevistados evidenciam o processo discriminatório a que todos foram submetidos por serem os "sem-terra", perseguições que envolveram as relações com os moradores da cidade e também motivaram algumas prisões.

A gente aqui em Querência a gente passou por um período de assim, de muita perseguição, né! (APARECIDA). Muito preconceito na época né, porque sem-terra era considerado tipo, já está ocupando, eles não falam ocupar, falam invadir né, e já está ocupando o que não é deles, e poderia entrar no mercado, sacar algumas coisas né, então tinha muito, muito preconceito, né. (MARTA). Não é fácil, o meu pai quando tava na fazenda também ele foi preso também. Pegaram ele, pegaram ele de noite. A casa dele era de madeira também, só tiraram ele jogaram a bomba lá dentro. Ele ficou 56 dias na cadeia. E ele ainda teve coragem ainda, aí quando ele saiu de lá, a juíza falou assim: "Agora você vai trabalhar na cidade". Por isso mesmo, não tem onde morar. "Eu vou voltar para onde eu tava", "Você vai ser preso de novo". "Eu não ligo, não". Por que fazer o que? Querer fazer ele morar na cidade de qualquer jeito se ele não tinha condição? (CÉLIA). [...] até que quando fomos lá e a polícia veio para tirar nós, aquele monte de polícia né, que encheu. Meu marido já começou a arrumar as coisas né, enfiar as compras dentro de saco enfiar as roupas, aí eu falei "oxi, mas pra onde você tá indo?" Ele falou "não, vamo embora porque eles vão entrar aqui, vão rebentar com tudo". Eu falei, "mas vai sozinho, agora que eu já tô eu vou até o fim", ele falou, "mas você tá é

doida, que eu vou ficar aqui nada, que esse povo vai entrar aqui, vai derrubar tudo vão ponhá fogo com a gente vivo”, que a gente via muito né, acontecer muita coisa, né (LOURDES).

Neste aspecto, observa-se que a tática foi essencial para que estes sujeitos, “forasteiros”, mesmo vivendo num espaço que não era inicialmente deles, buscassem – e ainda busquem – subterfúgios criativos para resistirem. Da mesma forma, para que logrem êxito da sadia e harmoniosa convivência social, resolvem abdicar de suas intenções singulares para que a vida coletiva se tornasse possível. Assim, consentem com o contrato de conveniência, concebendo a necessidade do estabelecimento de uma relação cotidiana possível de ser vivida, para obter os ganhos e benefícios destas relações mediadas por tal contrato.

Mas qual seria esse contrato de conveniência que se firma? Trata-se de um pacto social tácito que se firma entre os assentados e os demais sujeitos que constituem a cidade de Querência do Norte. Ora, quando chegam, os assentados já encontram uma cidade constituída, um comércio estabelecido, moradores que já haviam construído uma história, uma cultura própria. E os assentados chegam com outra história de vida, outras ideologias, outras visões de mundo, outras culturas, hábitos e costumes, muito provavelmente distintos daquele que ali existiam. Se por um lado, o preconceito que sofrem os assentados era vivenciado por eles como algo danoso, sentido na pele, para os querencianos que ali já viviam também ocorre um choque, sobretudo cultural, já que provavelmente tenha ocorrido um estranhamento, já que aquele movimento que se configura, de assentamentos que surgem, revoluciona o cotidiano da cidade.

E quais seriam os ganhos advindos deste contrato da conveniência? Os ganhos são recíprocos. Esta relação de conveniência que se construiu ao longo do tempo, formou as bases das relações cotidianas dos assentados com os demais sujeitos que vivem na cidade, tanto os cidadãos quando os comerciantes. Nesta relação, a fim de obter vantagens recíprocas, ter que renunciar a parte de suas convicções, costumes, hábitos, ou seja, conceber parte daquilo que lhes é próprio, foi importante para criar uma zona de interface com o outro. Por exemplo, os comerciantes, mesmo que ainda concebiam os assentados como “a turma do MST”, como percebem as demandas dos assentados, veem que lucros econômicos podem advir desta relação. Da mesma forma, os assentados precisam frequentar a cidade, os serviços públicos, as igrejas, bancos, comércio de forma geral. Consequentemente, os assentados precisam de crédito, que os obriga a relacionar-se com comerciantes e moradores de Querência do Norte, a fim de gozarem das coletivas e recíprocas de viver nesse município. Este contrato de conveniência foi essencial para que os tempos de sangue cedessem espaço para uma convivência, mesmo que negociada, ao menos possível de ser vivida.

Ainda na questão que define o que é o próprio (DE CERTEAU, 2014), observa-se que os sujeitos ordinários captados nesta pesquisa têm em comum um histórico de vivência com a terra. Todos os entrevistados têm uma relação com a terra, a maioria deles diretamente ligada à transmissão intergeracional, pois os pais já eram agricultores e eles continuaram com essa prática, que aprenderam desde cedo. Desta forma, esse contexto rural e suas práticas são

entranhados na vivência destes sujeitos, que desde cedo vivenciaram essa realidade e as incorporaram em seu dia a dia de forma naturalizada. Ou seja, a relação deles com a terra não ocorre de forma fortuita. O que acontece é que muitos destes agricultores, por diversas razões, perderam a possibilidade de viver da terra que inicialmente tinham.

Na questão especificamente do próprio, o fato ilustrado por uma das entrevistadas [Marta] de que seus pais perderam a terra por contrair dívidas impagáveis com o banco, tendo que entregar a terra, combinado com a crise na produção de suínos e na alta do preço do milho, que culminaram com a perda da terra que moravam, ilustra esta realidade de perda da terra, do próprio, história comum a outros assentados e pré-assentados. Além das dívidas, outro elemento importante é a motivação que levou muitos dos assentados a assumirem essa condição. Nos primórdios do MST, no movimento sem-terra do oeste do Paraná, muitos agricultores familiares foram expulsos de suas terras - muitos sem direito à indenização - para a construção da barragem de Itaipu. Assim, para muitos destes assentados, a escolha não foi essencialmente deliberada. Na ausência do lugar, resta o tempo. Na falta da estratégia, cabe a tática.

Ainda sobre a perspectiva do próprio, a condição de sujeito ordinário parece estar entranhada na origem política do MST. Por esta condição de assentado, de fato o agricultor não tem a posse da terra, ainda não possui legalmente o próprio, como propriedade, com escritura. E essa questão se torna polêmica entre células internas do MST. Enquanto alguns agricultores querem a posse definitiva da terra, com escritura, "de papel passado", outros, dentre eles os líderes [João, Mário, Marcos, Ana, Marta] não acreditam que a posse da terra seja favorável ao movimento, pois enfraqueceria o mesmo. Enquanto alguns querem a propriedade para poder conseguir empréstimos e financiamento nos bancos, os líderes, mais politizados, sabem que isso causaria divisão, esfacelamento da unidade e da coletividade que construíram a força do movimento, bem como o endividamento e a consequente perda da terra novamente, em caso de inadimplência.

Quando se fala de, de reforma agrária, já não vem mais com a mesma ênfase. As pessoas perderam um pouco a questão da cultura pela terra (MARTA). Não se pode dar a posse da terra definitiva. Quando isso acontece o Estado desaparece, deixa o povo jogado à própria sorte (MARIO). Quando o governo dá o título de propriedade o que acontece? Os companheiros correm para o banco fazer financiamento, se endividam e perdem a terra. O movimento se enfraquece (JOÃO).

Esse aspecto de não ter posse da terra, em outras perspectivas, reflete uma prática astuciosa dos assentados que não querem a posse definitiva da terra para não se enquadrarem como produtores comuns, sem uma ideologia que os sustente, sujeitos à perda da terra em caso de endividamentos. Neste sentido, a fala de Ana, responsável técnica e assessora na gestão de projetos dos assentados, revela um aspecto importante: enquanto alguns se consideram fazendeiros, esquecendo-se do passado de lutas, o que considera um equívoco, elogia a postura de João, um dos principais líderes dos assentados, que não se

vangloria de sua condição nem ostenta como um “fazendeiro” ou produtor rural tradicional.

O João é um exemplo. Os outros falam “oh, que coitado!”. Ele que está certo. Ele é o sujeito do jeito que ele é. Não se ilude, não acha o fazendeiro. Pra ele está tudo certo. Muito inteligente, faz o que é certo (ANA).

O fato de permanecer na condição de assentado é algo que está implícito nas identidades destes sujeitos, como afirma, pois, para sempre carregarão, como ela diz, “o selo de sem-terra”, mesmo que não se considerem mais como tal. “Algumas famílias acham que são grandes produtores, oh! Sobe na cabeça. Nunca serão vistos assim! Sempre terão o selo de camponês, o selo de sem-terra” (ANA).

Por fim, mesmo atualmente, embora as batalhas não sejam banhadas a sangue, as formas de violência e as relações de poder existem, embora sejam mais sutis do que fora outrora. Tal flexibilidade nas formas de dominação e exercício do poder se manifestam, por exemplo, na influência que políticos e lideranças regionais têm sobre o trabalho dos assentados. A COANA, cooperativa sob a qual se organizam os assentados, sofreu com esse exercício de dominação e perseguição dos sujeitos de querer e poder num episódio recente. A produção de leite dos cooperados, que atingia aproximadamente 20.000 litros mensais e agregava valor aos produtos pela produção de derivados do leite, como o queijo, sofreu um duro golpe com a interdição, a partir de denúncias infundadas, segundo depoimentos [Mário, Ana, João].

Ao causar incômodo no *status quo* daqueles que têm suas posições sociais, políticas e econômicas definidas na sociedade local, sobretudo quando por suas ações táticas e também estratégicas afetam os negócios e ameaçam o próprio dos sujeitos de querer e poder, os assentados representam uma ameaça. Enquanto apenas se sustentam nas táticas, nas práticas microbianas, nas entrelinhas das estruturas sociais, mesmo que escapando do poder destes definidores da estratégia, sua participação ainda é aceita, desde que reclusos a estes espaços. Ao contrário, quando passam a reivindicar um espaço próprio, como no caso da COANA, tendo uma produção considerável, criando marca local, agregando valor ao produto e impactando em outros laticínios convencionais, passam a ser perseguidos, cerceados de sua liberdade, violentados pelo exercício de um poder que impacta consideravelmente nos negócios destes assentados. Todavia, a resistência destes sujeitos ordinários prevalece, pois mudam os cenários, mudam as armas, mas a luta continua!

5. Considerações finais

O objetivo deste estudo foi compreender as estratégias, táticas e conveniências presentes no cotidiano dos assentados e pré-assentados no município de Querência do Norte-PR. Nesta pesquisa, o propósito foi analisar a realidade cotidiana destes sujeitos, ordinários por excelência, a partir da perspectiva teórica proposta por De Certeau (2014), da estratégia e da tática, bem como dos aspectos relativos à conveniência (DE CERTEAU; GIARD; MAYOL,

2013). Para tanto, foram realizadas entrevistas com moradores e ex-moradores, assentados e pré-assentados de Querência do Norte, PR.

Pôde-se constatar, a partir das narrativas, que o domínio exercido pelos sujeitos de querer e poder, geralmente os fazendeiros, com vistas a manter a posse de suas terras, se manifestou, sobretudo pelo uso da força armada nos anos 1980-1990. Nessa busca de manutenção do próprio, representado pelas terras que visavam preservar, as invasões eram combatidas pelo uso da força. Se por um lado, o efeito gerado para alguns acampados foi de medo ou necessidade de preservação da vida, em outros, pelo contrário, serviu de estímulo à luta pela terra.

A tática, neste caso, foi manifestada repetidas vezes nas práticas destes sujeitos ordinários, os assentados e pré-assentados, que, na mais plena ausência do próprio, usaram de suas práticas astuciosas para penetrar nas fendas das estruturas sociais a fim de lograr vantagens. De fato, a partir das narrativas e posteriores análises desenvolvidas, é possível refletir que estes jamais teriam sido assentados se não houvesse existido a resistência. Isto se demonstra quando os conflitos armados banhados a sangue, que resultavam em morte de algum companheiro de luta, ao invés de causar medo e os fazer recuar, geralmente resultava em novas ordens de assentamentos. Ao contrário da equivocada concepção de passividade dos sujeitos ordinários, a partir da visão de alguns, estes se utilizam da adversidade para obter vantagens, como por exemplo, fazendo daqueles que morrem mártires do movimento, dando o nome destes nos acampamentos e assentamentos.

O preconceito sofrido pelos assentados, quando chegam a Querência do Norte, revela a face discriminatória da sociedade para com este grupo social. A imagem construída, sobretudo na mídia, por meio dos veículos de comunicação em massa, cumpre com um papel estratégico dos sujeitos de querer e poder de manipular e formar opinião pública a respeito da identidade das pessoas e organizações envolvidas com os movimentos de luta pela terra. A este respeito, cabe destacar que os meios de comunicação são ferramentas da estratégia destes donos do poder. Esta imagem, tanto se reflete nos olhares das pessoas da cidade para com os forasteiros, bem como na visão que uma das líderes atuais dos assentados tinha a respeito do MST, desmistificado com a vivência cotidiana.

Da mesma forma, a imagem das pessoas, da sociedade querenciana a respeito destes sujeitos também foi se ajustando. Contudo, não se descarta a possibilidade de uma aceitação social interessada por parte da sociedade civil de Querência do Norte. A partir do contrato da conveniência, tanto os comerciantes e cidadãos locais perceberam a importância dos assentados para a economia local, bem como os assentados buscaram uma forma pacífica de tornar possível a vida em sociedade. O expediente da conveniência também se nota internamente ao grupo social dos assentados, dado a observação da narrativa da assessora técnica, que sofria discriminação por não ter enfrentado as mesmas dificuldades que os antigos acampados passaram, contudo, sendo aceita pelo grupo, já que traz experiência de planejamento e gestão, o que a torna imprescindível ao grupo hoje.

Um dos pontos interessantes da pesquisa se refere à origem das coisas, mais especificamente, do porquê as pessoas decidem tornar-se assentados ou pré-assentados. Por que as pessoas decidem travar uma luta, expondo-se a si mesmo e sua família na luta pela terra? As histórias narradas relatam que as escolhas, nem sempre são plenamente deliberadas, já que as circunstâncias levam os sujeitos a fazerem escolhas. Os sujeitos que possuíam o próprio e foram cerceados do direito de manterem sua propriedade, por dívidas bancárias, quebras de produção ou desapropriações de terras, por sua vocação a terra, já que dominavam somente aquele ofício, do dia para a noite tornam-se de donos do próprio a sujeitos ordinários. A estes, a partir da ausência do próprio, resta a tática como forma de subsistir.

Enfim, a partir de uma perspectiva que extrapola o limite que se propõe este artigo, a contribuição principal desta pesquisa se demonstra no cumprimento de uma função social da pesquisa, para além de suas contribuições teóricas. Se a história oficial apresenta uma versão que se consuma como única, a história oral permite que essa história seja recontada a partir de outros olhares. Assim, acredita-se que esta pesquisa não se encerra nesta jornada, mas sim abre possibilidades para outras discussões, outras perspectivas, outros olhares sobre este fenômeno.

REFERÊNCIAS

BASSI, Bruno Stankevicius. **Despejos no campo atingem maior patamar desde 2016, aponta CPT**. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br>. Acesso em: maio 2021.

BEST, Katie; HINDMARSH, John. Embodied spatioal practices and everyday organization: the work of tour guides and their audiences. **Human Relations**, v.0, n. 0, p.1-24, 2018.

BORGES, Natália Luiza. Romarias da terra: uma ação política inserida em ritual religioso. **Monografia**, Curso de História - Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 76, 2011.

BUTCHER, Tim. Learning everyday entrepreneurial practices through coworking. **Management Learning**, v. 49, n. 3, p. 327-345, 2018.

CARTER, Miguel. The Landless Rural Workers Movement and Democracy in Brazil. **Latin American Research Review**, v. 45, n. 4, p. 186-217, 2009.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. Identidades dos camponeses assentados no território Cantuquiriguaçu, Paraná-Brasil. **Mercator**, v. 14, n. 1, p. 77-88, 2015.

CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; SANTOS, Paulo César Moreira (Coord.) **Conflitos no campo: Brasil 2019**. Goiânia: CPT Nacional, 2020. 247 p. Disponível em:



<https://www.cptnacional.org.br/component/jdownloads/?task=download.send&id=14195&catid=0&m=0&Itemid=0>. Acesso em: maio 2021.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22^a. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: morar e cozinhar. 12^a. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**: O campo do signo, 1945-1966. Vol. I. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DUARTE, Bryan. J., BREWER, Curtis. A. "Caught in the Nets of 'Discipline'": Understanding the Possibilities for Writing Teachers' Resistance to Standardization in Local Policy. **Educational Policy**, v. 33, n. 1, p. 88-110, 2019.

GARMANY, Jeff. Strategies of conditional cash transfers and the tactics of resistance. **Environment and Planning A: Economy and Space**, v. 49, n. 2, p. 372-388, 2017.

GODOY, Amalia Maria Goldberg; SILVA, Paulo Bento da. (2010). Reforma agrária: uma história de desenvolvimento de Querência do Norte – Paraná. **RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, 7(2), 131-148. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/race/article/view/364>. Acesso em: 17. jul. 2021.

GONÇALVES, Sérgio. **O MST em Querência do Norte-Pr**: da luta pela terra à luta na terra. 2004. 342f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil, 2004.

HOLLENDER, Rebecca Marie. Capitalizing on public discourse in Bolivia – Evo Morales and twenty-first century capitalismo. Consilience: **The Journal of Sustainable Development**, v. 15, n. 1, p. 50-76, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades – Querência do Norte. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/querenciadonorte.pdf>. Acesso em: fev.2018.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **INCRA** nos Estados: informações gerais sobre os assentamentos da Reforma Agrária. Disponível em: <http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>. Acesso em: fev. 2018.

KUNTZ, Aaron. M.; GUYOTTE, Kelly. W. Inquiry on the sly: playful intervention as philosophical action. **Qualitative Inquiry**, v. 24, n. 9, p. 664-671, 2018.

KUUS, Merje. The terroir of bureaucratic practice: Everyday life and scholarly method in the study of policy. **Environment and Planning C: Politics and Space**, v. 0, n. 0, p. 1-17, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MEHL, Gustavo. **As milícias privadas do campo no Paraná**. Disponível em: As milícias privadas do campo no Paraná (global.org.br). Acesso em: maio 2021.

MESZAROS, George. No ordinary revolution: Brazil's landless workers' movement. **Race & Class**, v. 42, n. 2, p. 1-18, 2000.

MITCHELL, Jon. P. A fourth critic of the Enlightenment: Michel de Certeau and the ethnography of subjectivity. **Social Anthropology/Anthropologie Sociale**, v. 15, n. 1, p. 89-106, 2007.

MST. Disponível em: <https://mst.org.br/2019/12/03/policia-militar-realiza-despejo-violento-de-50-familias-em-querencia-do-norte-no-parana/>. Acesso em: maio 2021.

MUNRO, Rolland. Creativity, organisation and entrepreneurship: power and play in the ecological press of Money. **Organization Studies**, v. 39, n. 2, p. 1-19, 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE QUERÊNCIA DO NORTE. Nossa cidade: histórico da cidade de Querência do Norte. Disponível em: <http://www.querenciadonorte.pr.gov.br//index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1709>. Acesso em: 18 fev. 20218.

REDSHAW, Tom. Bitcoin beyond ambivalence: popular rationalization and Feenberg's technical politics. **Thesis Eleven**, v. 138, n. 1, p. 46-64, 2017.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. **Caminhada e esperança da reforma agrária**: A questão da terra na constituinte. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ROSA, Maria Cristina. **Semeando os fios (re) colhendo a trama**: estudo da produção de algodão no assentamento de boias frias de Querência do Norte, 1983-1988. 163f. Dissertação (Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, São Paulo, Brasil, 1990.

SANTOS, Adriana Mailkut dos; BETIM, Diana Mendes; MASSOQUIM, Nair Glória. A luta pela terra e o assentamento de Querência do Norte. *In: X*



Encontro de geógrafos da América Latina. 10, 2005, São Paulo. 2005.
Anais... São Paulo, 2005.

SANTOS, Jadir Francisco. Mudanças ocorridas no município de Querência do Norte após implantação da reforma agrária. **Urutágua**, v. 26, n. 1 (semestral), p. 47-57, 2012.

ZANATTA, Marcos. Assentado é morto em fazenda no PR. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/assentado-e-morto-em-fazenda-no-pr-310831.html>. Acesso em: maio 2021.

Recebido em: 5 de março de 2021.

Aceito em: 14 de abril de 2021.

Publicado em: 15 de dezembro de 2021.

ⁱ Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro para a consecução da presente pesquisa.